

A falênciā do Estado

JORNAL DE BRASÍLIA Ruy Lopes

28 JUN 1980

O velocímetro do "over" se aproxima dos 50%, indicando uma inflação em louca disparada. Enquanto isto, os funcionários civis da União fazem greve, os militares começam a reclamar, os plantadores de soja embargam as estradas com suas máquinas agrícolas e o déficit público sobe rumo à estratosfera.

Durante algum tempo alimentou-se a ilusão de que as dificuldades do Tesouro deviam-se aos gastos com pessoal — que nunca foi tão mal pago como agora — e à má administração das estatais. Está na hora de perceber que esses fatores, se existem, têm uma responsabilidade muito pequena na tragédia das finanças públicas. O problema real é que há muita gente mamando nas tetas da República, e ninguém quer perder seu quinhão.

Já que falamos nos plantadores de soja, gastemos mais algum tempo examinando o setor agrícola. Desde muitos anos não se planta trigo, milho, soja, cana e outros produtos com vistas ao abastecimento do mercado. Planta-se para vender para o governo, a preços que garantam um bom lucro aos fazendeiros.

Por sinal, o Governo fixa a mesma cotação para a saca do milho no porto de Santos ou nos confins do Acre. A estocagem e o transporte, que custam duas vezes mais do que o produto, correm por conta do contribuinte. Mas o subsídio não pára aí: esse milho já foi plantado com o uso de máquinas que consomem derivados de petróleo cujo deslocamento desde a refinaria é tam-

bém pago pelo respeitável público, pois os preços são os mesmos em todo o País.

Será que algum burocrata se deu ao trabalho de contabilizar quanto custa o subsídio agrícola para a sociedade, desde o esquema de financiamento do plantio até a liquidação da safra?

No setor industrial acontecem coisas semelhantes. Os setores energívoros, como alumínio, ferros-liga, recebem bonificações tarifárias de consumo avaliadas por um antigo secretário-geral do Ministério das Minas e Energia em nada menos do que três bilhões de dólares por ano. A área metalúrgica compra aço das estatais por metade do preço vigente no mercado internacional; por isso as usinas estão quebradas e o Governo se vê obrigado a injetar dinheiro para salvá-las. Também a Petrobrás reclama de seus prejuízos, mas entrega a nafta para a indústria petroquímica perdendo mais de um bilhão de dólares por ano.

Como se isto não bastasse, o Tesouro subvenção o fluxo de caixa de todas as empresas do País, garantindo-lhes correção monetária e uma taxa de juros positiva através do "over". Todas trabalham com moeda forte, à prova de inflação, às custas do Governo.

Há gente demais sugando as tetas do Tesouro. Se isto não acabar, a vaca vai para o brejo, e todos continuarão reclamando dos gastos com o funcionalismo e da péssima administração das estatais. Até que chegue a hiperinflação.